

ADORNO, LEITOR DE KIERKEGAARD.¹

[ADORNO, KIERKEGAARDLESER]

Álvaro Luiz Montenegro Valls
alvaro.valls@gmail.com

Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia N. Sra. Medianeira (1971), mestrado em Filosofia - Universität Heidelberg (Ruprecht-Karls) (1977) e doutorado em Filosofia - Universität Heidelberg (Ruprecht-Karls) (1981). Professor Adjunto 4 aposentado da UFRGS. Atualmente é professor titular 1 da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: Kierkegaard, socratismo, filosofia dinamarquesa, ética, Nietzsche e ironia. Traduziu vários livros de Kierkegaard do original dinamarquês, e de Adorno, do alemão.

DOI: [10.25244/tf.v14i1.3540](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3540)

Recebido em: 15 de julho de 2021. Aprovado em: 17 de julho de 2021

¹ Texto proferido na Aula Magna de abertura do semestre, 2020.2, do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó, em 10 de fevereiro de 2021. Para fins desta publicação o autor fez algumas modificações conservando, porém, o tom da oralidade da aula. (Nota do Editor)

Caicó, ano 14, n. 1, 2021, p. 223-236

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v14i1.3540](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3540)

Dossiê Sagrado e poesia no pensamento de Heidegger - Fluxo Contínuo



DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
VALLS, Álvaro

Resumo: O presente texto comenta a presença constante da obra de Kierkegaard nos escritos de Adorno do livro *Kierkegaard, Construção do Estético*. Mostra como este já havia lido muito Kierkegaard antes mesmo de seu doutorado, em 1924. Enumera então as traduções utilizadas, na Habilitação e nas palestras (dois Anexos ao *Kierkegaardbuch*). Brevemente situa Adorno em relação a Benjamin e Lukács, e o demarca de Heidegger. Finalmente, contextualiza historicamente as duas palestras, a que nega até a possibilidade do amor cristão e aquela que retrata esse Dinamarquês como não-conformista.

Palavras-chave: Theodor W. Adorno. Traduções alemãs das obras de Kierkegaard. Georg Lukács. Construção do estético. Amor cristão. Não-conformismo.

Zusammenfassung: Vorliegender Artikel erörtert die fortwährende Anwesenheit der Kierkegaardschen *Werken* in den Schriften Adorno des Buches: *Kierkegaard, Konstruktion des Ästhetischen*. Es wird gezeigt, dass bereits vor seiner Promotion, 1924, hatte Adorno Kierkegaard viel gelesen. Die von ihm im *Kierkegaardbuch* und in beiden *Beilagen* benutzten Übersetzungen werden dann charakterisiert. Adornos Verhältnisse zu Benjamin und Lukács, sowie seine Entfernung Heidegger gegenüber, werden nur kurz skizziert. Schließlich werden beide Vorträge (die Beilage, die sogar die Möglichkeit der christlichen Liebe verneint, sowie diejenige, die den Dänen als Nonkonformist portraitiert) im historischen Rahmen gesetzt.

Stichworte: Theodor W. Adorno. Deutsche Übersetzungen der Kierkegaardschen Werken. Georg Lukács. Konstruktion des Ästhetischen. Christliche Liebe. Nonkonformismus.

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
 VALLS, Álvaro

Gostaria de começar agradecendo ao Prof. Dr. Marcos Érico pelo convite, que me honra e alegra, até porque, como vocês poderiam descobrir pelo meu sobrenome Montenegro, sou bisneto de um nordestino, que viveu nas Alagoas, na Bahia, no Ceará e no Rio Grande do Norte, e que se mudou de Mossoró para Jaguarão, no extremo sul do Rio Grande do Sul, onde então veio a nascer meu avô. Marcos Érico é um amigo de longa data, e admiro muito seus estudos apaixonados sobre os pensadores que também me inspiram.

Permitam-me narrar brevemente como cheguei ao nosso tema. Em agosto de 1973, fui aprovado para uma vaga no Departamento de Filosofia da UFRGS, no primeiro concurso aberto após a cassação, pelo regime militar, dos melhores professores dos anos 60, como Ernani Fiori, Ernildo Stein, Carlos Alberto Cirne Lima e João Carlos Brum Torres. (Fiori, vocês sabem, foi quem escreveu o Prefácio de *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Os demais vocês devem conhecer por produções recentes.) O Chefe do Departamento comunicou que eu iria lecionar a disciplina de Estética (Filosófica) no Instituto de Artes. Ajudado pelas *Chaves da Estética*, de Etienne Souriau, estudei com eles a 3ª crítica de Kant, as *Lições de Estética* de Hegel, e cheguei até os Frankfurtianos, como Adorno, Benjamin e depois Habermas. No início dos anos 60 o pensador crítico frankfurtiano mais conhecido e mais lido ainda era Erich Fromm, mas no final da década a grande sensação filosófica era Herbert Marcuse, com seus livros traduzidos no Brasil, que li ainda na faculdade dos jesuítas em São Paulo. Lecionando sobre a estética da chamada “Escola de Frankfurt”, concluí que o pensamento que mais me poderia interessar, para uma pós-graduação na Alemanha nessa área, seria o de Theodor W. Adorno. Candidatei-me para Heidelberg, com um projeto redigido na linguagem de Marcuse, do tipo “arte e revolução”, mas o meu querido Orientador, Michael Theunissen, tratou de me puxar para o campo dos possíveis realizáveis em 2 anos (sobre um autor que só se lia num alemão muito complexo), de modo que em meu mestrado pesquisei *O Surgimento do Conceito de Coisificação [Verdinglichung] em Adorno, de 1924 a 1938*.² Ali tentei mostrar como o aluno do neo-kantiano Hans Cornelius já usava a palavra “coisificação” ou “reificação” num contexto gnosiológico neo-kantiano, e como o emprego dessa expressão foi se modificando, graças às suas leituras de Georg Lukács e de Walter Benjamin, até atingir o significado marxista definitivo, mostrando exemplarmente como Adorno transitara da teoria do conhecimento (em que pesquisava o filósofo da época, Edmund Husserl), para o terreno da crítica da sociedade, graças aos seus estudos de Karl Marx.

Ao concluir o seu doutorado sobre Husserl, em 1924, Adorno, nascido em Frankfurt em 1903, tinha apenas 21 anos.³ Sua primeira tese de livre-docência, logo após, sobre o conceito do inconsciente, já apresentava, nas Conclusões, uma forte virada para a crítica da sociedade e do capitalismo. Adorno teve de retirar essa tese, para não ser recusada por Cornelius, e então, após alguns meses em Viena, estudando composição musical com Alban Berg, retorna a Frankfurt para, sob a orientação do teólogo luterano socialista Paul Tillich, escrever num ritmo febril sua tese definitiva, defendida na virada para os anos 30, intitulada *Kierkegaard. Construção do Estético*. Recebe, graças a ela, a sua *Venia Legendi*, como Livre-Docente da Universidade de Frankfurt, e publica, remodelado, o chamado *Kierkegaardbuch*, no fatídico janeiro de 1933, mês em que Hitler se tornava o *Führer* do povo alemão, e inicia suas atividades oferecendo seminário sobre o livro de Lukács, *Teoria do Romance*. Em 32, 36 e 38, Adorno publica artigos de crítica da música (europeia ou americana) de sua época.

² Minha Dissertação de Mestrado encontra-se em meus Estudos de Estética e Filosofia da Arte, de 2002 (Parte II).

³ Ver este e outros textos do jovem Adorno, hoje publicados em português: ADORNO, Theodor W. Primeiros escritos filosóficos. Tradução Verlaine Freitas. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
 VALLS, Álvaro

Minha Dissertação de Mestrado tinha, portanto, em seu centro o *Kierkegaardbuch*, de 1933, redigido ao redor de 29, no meio do período entre as duas guerras mundiais. Busquei mostrar como ali Adorno aplicara suas convicções marxistas recém-adquiridas, graças a Benjamin e Lukács, aplaudindo Kierkegaard (filho de um grande comerciante, tal como ele, Adorno) quando o dinamarquês descrevia formas de “coisificação” que ocorriam na primeira metade do século XIX, e, ao mesmo tempo, criticando Kierkegaard a partir de uma perspectiva marxista, de crítica da ideologia, quando esse supostamente fechava-se numa “interioridade sem objeto”, fora do mundo das relações capitalistas de trabalho e interação, afastado dos conflitos, enquanto vivia das rendas da herança paterna. Adorno o designa como “*Rentier*”, o que só é correto no sentido de herdeiro, mas não de “rendas enquanto juros”, pois Kierkegaard sempre os rejeitou. Ao concluir minha dissertação com a análise dos artigos críticos sobre a música, afastei-me do assunto Kierkegaard. Mas para o Doutorado abandonei os temas de música, que não conhecia o suficiente, e tomei como temática o dito de Adorno de que o pensamento de Kierkegaard seria uma “dialética sem história”. (Não deixei de perceber uma ironia no fato de mais tarde esta mesma acusação ser igualmente dirigida contra o próprio pensamento de Adorno.)

Uma coisa não percebi e não expliquei, no meu Mestrado, de 1977: de onde Adorno tinha tirado este tal de Kierkegaard? Como lhe fora possível escrever a tese de livre-docência, que os alemães chamam de “*Habilitation*”, no final dos anos 20, analisando os 12 volumes das *Obras Reunidas de Kierkegaard* (que já estavam em alemão, uma vez que Theodor Adorno nunca se interessou por estudar o dinamarquês, já que só lhe interessava “o impacto desse pensamento na Alemanha”)? E como conseguia citar ali, além dos muitos textos do escritor dinamarquês, e ao lado de Kant, Hegel e Husserl, os comentaristas da época, como Theodor Haecker, Romano Guardini, Christoph Schrempf, o jesuíta de nome impronunciável Erich Przywara, além de O. P. Monrad e outros? Eu logo percebi, por outro lado, que Adorno voltou ao assunto mais tarde, numa palestra americana num grupo de Tillich, e numa conferência na Universidade de Frankfurt, no sesquicentenário do nascimento de Kierkegaard, em 1963. Daí surgiram os dois Anexos que completam o livro que me pediram, 30 anos mais tarde, para traduzir, publicado pela Editora da UNESP em 2010. Quer dizer que Adorno comenta Kierkegaard em três ocasiões especiais (para nem falarmos das importantes referências na *Dialética Negativa*): tratou desse autor antes de fazer 30 anos, antes dos 40, e ainda no ano em que completou seus 60. Quero aqui comentar brevemente os três enfoques, das diferentes épocas, inclusive situando-os um pouco, em termos históricos. Adorno, ao acrescentar os dois Anexos, tentava abordar Kierkegaard de um modo mais completo e abrangente. A palestra sobre o amor cristão, nos Estados Unidos, baseou-se num livro de Kierkegaard, publicado pela editora de Eugen Diederichs após a coleção de 12 volumes, num projeto de 4 volumes de escritos edificantes: *As Obras do Amor*, de 1847, que aparecera numa 2ª. edição alemã em 1924. – Enfim, na conferência de 1963, os últimos escritos de Kierkegaard, com sua polêmica com a igreja, seu ataque à cristandade, no volume de *O instante*, ocupam o centro e a maior parte: vemos o Kierkegaard crítico não-conformista da igreja aburguesada e da sociedade burguesa, massificada, nivelada, coisificada. Pelo que se pode ver, Adorno se deixa guiar bastante pelos comentários (Prefácios e Posfácios) do tradutor Christoph Schrempf.

Mas eu não havia pesquisado, nos meus anos 70, como e por que Adorno, aos 25 anos de idade, conhecia tanto e tão bem assim Kierkegaard, de modo a escrever, em poucos meses, uma *Habilitation* com 475 citações explícitas daquele dinamarquês, coerente, sólida, e com uma crítica imanente baseada em pressupostos que vinham de outro campo: o de Marx, Lukács e Benjamin. Eu não me dera conta de que Adorno, filho de um judeu e de uma católica de origens austríacas e italianas,

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
 VALLS, Álvaro

amante e crítico da música desde pequeno, antes mesmo de pesquisar laboriosamente as ideias epistemológicas de Cornelius e de Husserl, realizara estudos particulares das *Críticas* de Kant, junto ao íntimo amigo Siegfried Krakauer, e já se apaixonara pela obra de Kierkegaard.

Hoje, porém, sabemos que aos 17 anos, antes mesmo de começar seu doutoramento em Filosofia, Adorno já conhecia de cor enormes passagens das obras de Kierkegaard. De fato, com a música no sangue, e aluno de Conservatório, Adorno durante o ginásio publicou críticas de música e literatura. Estudou música e composição. Desenvolveu sua “mania de criticar” (como ele mesmo o dizia), na esteira de Lukács e Benjamin. – Estudou filosofia em reuniões semanais com o amigo Siegfried Krakauer (nascido em 1889, formado em arquitetura, que mais tarde comenta filosofia e sociologia no jornal *Frankfurter Zeitung*); estudaram juntos a *Crítica da razão pura*, de Kant, que não viam como simples teoria do conhecimento, e avançaram para importantes textos de Hegel e Kierkegaard. – Sobre o tanto que o rapaz havia lido de (e se entusiasmado com) este último, escreve o próprio Krakauer a Löwenthal: “*Se o Teddie algum dia fizer uma real declaração de amor... essa tomará sem dúvida uma forma tão difícil, que a jovem senhora terá de ter lido tudo de Kierkegaard... só para entender Teddie.*”⁴ As obras de Kierkegaard constituíam, de fato, um grande interesse de Adorno, já em 1920, tempos da chamada *Kierkegaard-Renaissance*, quando seu conceito de “existência” serviu de antídoto ao idealismo alemão. Mas este Adorno leitor de Kant ainda interpreta o pensamento de Kierkegaard como o ápice do idealismo.

Entre nós, no Brasil, até agora é pouco conhecida a extensão da obra kierkegaardiana que no início do século XX foi traduzida e disponibilizada aos leitores alemães. Vale a pena, então, elencarmos brevemente quais os títulos de que Adorno dispunha. Para a sua tese, ele extraiu importantes citações de todos os 12 volumes das *Werke*, da editora de Eugen Diederichs. Poucos saberão, no Brasil, que desde 1861 (ou seja, 6 anos após a morte do autor) haviam surgido algumas traduções alemãs, embora dispersas por muitas editoras. Alguns *Discursos* de temática religiosa, *O diário do sedutor* (a rigor, um dos textos do volume I de *Ou – Ou*), os *Estádios*, *A doença para a morte*, e trechos do *Pós-escrito*, de 1846. Duas obras fundamentais, porém, só foram traduzidas e publicadas num volume com um título obscuro, alusivo ao pecado, perto do final do século XIX: as *Migalhas filosóficas* e *O conceito de angústia*.

Por questões didáticas, enuncio agora os títulos (em alemão e numa tradução livre) reunidos nos 12 volumes das Obras (*Werke*), que Adorno utilizou profusamente:

Volume I: *Entweder/Oder*, Erster Teil (*A.'s Papiere*). (1911) 1ª. parte de *Ou – Ou*, com os textos estéticos mais conhecidos.

II. *Entweder/Oder*, Zweiter Teil (*B.'s Papiere*). (1913) Com a 2ª. parte, da perspectiva ética. Um certo Juiz Guilherme responde em cartas ao jovem autor romântico apelidado A.

III *Furcht und Zittern*. – *Die Wiederholung*. (1909) *Temor e tremor*, sobre o sacrifício de Isaac por Abraão; e *A repetição*, um livro que Kierkegaard considera engraçado.

IV. *Stadien auf dem Lebensweg*. (1914) *Estádios no caminho da vida*, de 1845, incluindo: *In vino veritas* (ou *O banquet*); *Considerações sobre o matrimônio*, do juiz Guilherme; e ainda *Culpado? – Não-culpado?* com

⁴ “If Teddie one day makes a real declaration of his love... it will undoubtedly take such a difficult form that the young lady will have to have read the whole of Kierkegaard... to understand Teddie at all.” (Löwenthal, *Recollections of Adorno*, *Telos* 61 (1984), 160-61. Apud R. Hullot-Kentor, no Prefácio (*Foreword*) da versão americana de *Kierkegaard. Construction of the Aesthetic*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989, p. XII.)

várias novelas inseridas nesse diário de um jovem atormentado, comentado pelas reflexões do psicólogo Frater Taciturnus.

V. *Der Begriff der Angst*. (1923) *O conceito de angústia* é de 1844, um estudo “psicológico”, entendendo-se esta expressão no âmbito filosófico.

VI. *Philosophische Brocken. – Abschliessende unwissenschaftliche Nachschrift*. / Erster Teil. (1910) As *Migalhas filosóficas*, livro de 100 páginas, compartilham o volume VI com parte de seu extenso *Pós-escrito conclusivo não-científico*.

VII. *Abschliessende unwissenschaftliche Nachschrift*. / Zweiter Teil. (1910) O *Pós-escrito* insiste, na sua 1ª parte, na descrição da subjetividade, que é a verdade (mas também a inverdade!), e na caracterização do “pensador subjetivo” (que lembra Sócrates e Lessing). A partir daí, afirma-se uma ética do sujeito, independente de visões históricas panorâmicas, de tipo hegeliano. – O *Pós-escrito*, publicado quando Kierkegaard se acreditava prestes a morrer, aos 33 anos, está no centro de sua obra, e proporcionou uma virada na estratégia, após fundamentar o “tornar-se homem” e o “tornar-se cristão”.

VIII. *Die Krankheit zum Tode*. (1911) Surgem em 1849 e 1850 as importantes obras do pseudônimo Anticlimacus, por definição um cristão radical. *A doença para a morte* expõe a dialética do desespero, a dialética existencial, que descreve as dificuldades de um indivíduo chegar a ser ele mesmo (o *Self*). – Este famoso volume VIII das *WERKE*, tal como o vol. V (da angústia) teve a maior repercussão entre os professores, com Jaspers e Heidegger à frente. (No Brasil, foi o ponto de virada de Ernani Reichmann, em Curitiba.) Mas Adorno em geral prefere identificar mais o pseudônimo Climacus com Kierkegaard.

IX. *Einübung im Christentum*. (1912) Em 1850, Anticlimacus voltou à carga, com outro escrito de peso: *Exercícios de Cristianismo*, ou *Prática do Cristianismo*. Provocou mal-estar entre o clero, por apresentar, em linguagem socrática, o Salvador, não na figura de um Cristo-Rei, soberano dominador do mundo espiritual (e material), mas na do *servo humilde de Javé* que convida a acompanhá-lo na vida de sacrifícios pelos outros, até a cruz, eventualmente! Cristianismo como igreja militante, e não triunfante, estabelecida no mundo. – Adorno aproveitará também este texto no Anexo de 1963 (*Kierkegaard outra vez*).

X. *Der Gesichtspunkt für meine Wirksamkeit als Schriftsteller. – Zwei kleine ethisch-religiöse Abhandlungen. – Über meine Wirksamkeit als Schriftsteller*. (1922) O volume X reúne 3 textos distintos, sendo o 1º e o 3º autointerpretações da obra do autor. Ali ele se explica como “autor religioso” ou, como diz Heidegger, “escritor religioso” (expressão sinônima, no original). O 1º título (*O ponto de vista para minha produção como autor*) fora deixado inédito numa gaveta, e publicado por seu irmão Pedro, então bispo, como para lavar a imagem da família, após o escândalo da polêmica final. O 2º texto contém 2 ensaios, extraídos por Kierkegaard do seu *Livro sobre Adler* (inédito): *Sobre a diferença entre um gênio e um apóstolo* (sendo o apóstolo um enviado, vocacionado e comissionado, ordenado, com autoridade para pregar, e o gênio um indivíduo dotado pela natureza, sem mandato). O 2º ensaio discute: *Se um homem tem o direito de se deixar matar pela verdade*. Kierkegaard meditava em seus últimos anos sobre o papel do “mártir”, negligenciado na modernidade.

XI. *Zur Selbstprüfung der Gegenwart anbefohlen. – Richtet selbst*. (1922) *Para o autoexame, recomendado ao tempo presente*, seguido por: *Julgai vós mesmos*, são discursos de 1851 e 52 que aprofundam as ideias desenvolvidas por Anticlimacus na *Prática do Cristianismo*: Cristo é o Modelo, pelo qual temos de orientar nossa prática.

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
 Adorno, leitor de Kierkegaard
 VALLS, Álvaro

Volume XII: *Der Augenblick*. (1909) Último texto publicado por Kierkegaard, panfletário, intitulado *O instante*: jornal de opinião, desmascara a “cristandade” como um grupo mundanizado que, seduzido por pastores perjuros, vive uma religião aguada e comprometida com o *status quo*. Temos aqui o não-conformista, com o qual Adorno acabará se sentindo aliado sempre mais.

Tendo Adorno lido toda a obra disponível em seu idioma, considera Kierkegaard um sério pensador, embora não um poeta, uma vez que ele apenas usaria didaticamente figuras estéticas, as quais não seriam, entretanto, autênticas criações literárias, mas antes “esquemas” para concretizar categorias e ideias. Adorno menciona com extrema destreza os textos e os pseudônimos (com predileção por Johannes Climacus, autor das *Migalhas* e do *Pós-escrito* de 46), sem fazer concessões (didáticas) aos que não leram o escritor dinamarquês. Apoia-se em Benjamin, em termos de estilo e conceituações. O conceito de “*cifra*”, por exemplo, ao tratar de textos cifrados, não é de Marx, e para a interpretação desses a noção benjaminiana se revela proveitosa. Ora, Kierkegaard, segundo a tradução usada por Adorno, ocasionalmente chama a si mesmo “o pensador barroco”, [...] “*sem saber até que ponto de fato seus motivos pragmáticos correspondem aos do Barroco literário, com o qual ele compartilha a imanência fechada sobre si mesma tanto como a conjuração, por meio da alegoria, de conteúdos ontológicos naufragados. Como despojos do mar numa ilha, arrojam-se em sua paisagem filosófica restos, figuras há muito tempo fenecidas dos dramas barrocos, cujos arquétipos só a Shakespeare – se este couber entre os barrocos – seriam talvez familiares. Os elementos constituintes do drama barroco, que Benjamin explorou em A origem do drama barroco alemão partindo da ideia do Trauerspiel [tragédia], aparecem reunidos, todos eles, na caverna de sua filosofia.*” (2010, p. 145s.) – Benjamin é aproveitado na análise dos traços barrocos daquele a quem a noiva já admoestava: “Søren, ainda vais te tornar um jesuíta!” A cabeça de intrigante, as voltas e viravoltas, são tantos outros traços que se poderiam ler. O texto de Benjamin, bem recente, já é utilizado em tantas passagens, que até poderia haver suspeita de plágio. Para perceber a presença de Benjamin na *Habilitation* de Adorno, basta ir lendo essa tese e refletindo sobre o seu estilo, para nem falar de conceitos operacionais utilizados, como os de alegoria, cifras, constelações, barroco e mitologia.

Uma crítica muito comum, tanto na *Habilitation* quanto na palestra de 1940, de Nova York, é a de “mitologia”. A questão do “mito” já aparecera em Kierkegaard desde a sua tese, de 1841, sobre *O conceito de ironia*, e ocupará também um lugar central, em Adorno e Horkheimer, na *Dialética do esclarecimento*, de 1947, com um vai-e-vem do “mito à razão e da razão ao mito”. Mas o *Kierkegaardbuch* do final dos anos 20 nos dá a impressão de que tudo o que se refere a religião vem a ser ali desqualificado por Adorno como sendo pura “mitologia”. Este é um tema que apenas levanto, mas que mereceria boas pesquisas, nos dias atuais.

Eu gostaria de aludir a um outro ponto, que tampouco foi, a meu ver, suficientemente pesquisado: o quanto e o que mesmo há de Lukács nesse *Kierkegaardbuch* – e ainda na conferência de 1940. Um ponto é óbvio: a visão crítica marxista em suas análises da alienação e da coisificação, pois quando Adorno se converteu ao marxismo, isso se deveu ao autor de *História e consciência de classe*. Mas levanto uma suspeita, hipótese de trabalho: sobre a importância do jovem Lukács, de antes mesmo de *História e consciência de classe* (em alemão desde 1923), e anterior ainda à *Teoria do romance* (1916), deste jovem escritor húngaro ainda bastante idealista romântico, autor de *A alma e as formas* (1911) e, nesse livro, especificamente, de seu artigo ou capítulo intitulado “*Quando a forma se estilhaça ao colidir com a vida: Søren Kierkegaard e Regine Olsen.*” Como hipótese de trabalho, digo que Lukács, ainda sob o impacto do rompimento com sua própria amada, que acabará suicidando-se, tenta analisar o rompimento do noivado de Søren com Regine. O jovem platonizante Lukács analisa a questão a partir de várias

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
 VALLS, Álvaro

“possibilidades”, conforme o diz Agnes Heller: “Como teria sido, se...”⁵ Ele o interpreta (até que ponto projetando seus conflitos pessoais, fique em aberto), basicamente sob a categoria do “*gesto*”. – Ao romper com Regine, Søren estaria realizando “um gesto”, sacrificando aquela que ele amava acima de tudo na terra, numa oferta sacrificial ao Deus de Abraão, que está acima de tudo e de todos. Para o jovem de origem judaica Georg von Lukács, que pode e deve ser estudado nessa questão, o gesto é uma “decisão”, para toda a vida, uma decisão diante de Deus, que não precisa ser lógica ou racional, pois os caminhos de Deus não são nossos caminhos. Com esse gesto, Søren estaria apostando sua vida inteira, todas as suas forças num projeto, numa visão de mundo, numa filosofia de vida. (O quanto uma tal visão pode ter influenciado a relação de Lukács para com sua amada, levando-a talvez ao desespero, ao ver que seu amado opta por dedicar sua vida às causas intelectuais, e depois políticas, não consigo responder, mas é um tema de interesse para os pesquisadores da vida e da obra desse pensador austro-húngaro.)⁶

* * * * *

Mesmo sem entrar na análise detalhada dos textos de Adorno, já percebemos, portanto, uma enorme diferença entre a recepção de Kierkegaard por Adorno e a de Karl Jaspers ou a de Heidegger. Jaspers, 20 anos mais idoso, médico de profissão, especializado na psiquiatria e professor catedrático de Psicologia no Seminário de Filosofia da Universidade de Heidelberg, comprador sistemático de livros e leitor compulsivo, descobre no começo do século os escritos sobre Regine Olsen, a noiva de Søren, e depois a tradução, por Theodor Haecker, de uma seleção dos *Diários (Papirer)*. Vai adquirindo, na segunda década do século, os volumes das *Kierkegaards Werke*, chegando a “recortar e colar” tantas citações de Kierkegaard, costuradas em mais de 14 páginas do volume da *Psicologia das Visões de Mundo* (de 1919). Isso, além de muitas outras citações, relacionadas, por exemplo, com a questão fundamental das “situações-limites”, ou com sua tese central da “*Kommunikation*” (ideal oposto ao “hermetismo” de que tanto fala *O conceito de angústia*). Também nas edições posteriores de sua grande *Psicopatologia Geral* (a 1ª edição era de 1913), Kierkegaard vai entrando com força e passa a ocupar lugar de honra junto a

⁵ Heller, Agnes. *Das Zerschellen des Lebens an der Form: György Lukács und Irma Seidler*. In: *Die Seele und das Leben*. Studien zum frühen Lukács. Beiträge von Agnes Heller, Ferenc Fehér, György Márkus, Sándor Radnóti. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, pp. 54-98. Aqui, p. 54.

⁶ Útil para esta investigação é a descrição que nos dá Rainer Patriota, no Posfácio da obra do jovem Lukács, traduzida ao português (p. 274s.): “Nesta época, Lukács vive um drama muito pessoal: sente-se incapaz de amar, incapaz de partilhar plenamente sua vida pessoal com outro ser humano. (...) Em A alma e as formas, a vida empírica, cotidiana, é descrita como uma esfera desprovida de sentido, de substância. A vida só é real no domínio das formas, filtrada e depurada por elas. Durante todos esses anos, Lukács vive uma espécie de obsessão: idealizar sua solidão e poetizar sua inadaptação a uma vida normal. No ensaio sobre Kierkegaard e também em ‘Da pobreza de espírito’, o autor fala sobre si mesmo com ironia: o gesto ‘absoluto’ de Kierkegaard, que abandona sua noiva, Regine Olsen, para viver uma vida excêntrica e solitária, não configura nenhuma solução real, nenhum heroísmo, mas sim uma poetização e uma ilusão; já o patético discurso sobre ‘graça’ e ‘pobreza de espírito’ é descrito como ‘frivolidade’ pela narradora feminina do diálogo. Agnes Heller (1977, p. 54) tem razão ao dizer que Lukács, ao romper com Irma Seidler, poetiza sua própria vida, misturando, como Kierkegaard, ficção e realidade. Uma poetização, até certo ponto, consciente e mantida sob controle. Porém, dois anos depois, Irma Seidler, a Regine Olsen de Lukács, afogaria sua vida e suas mágoas no Danúbio.”

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
 VALLS, Álvaro

Nietzsche, muito acima dos freudianos, senão do próprio Freud. Aliás, a problemática fundamental de Jaspers da “relação consigo mesmo” é toda ela impregnada das ideias de *A doença para a morte*.

Por outro lado, quem tiver lido o primeiro artigo (jamais publicado antes) das *Marcas do Caminho*, de Heidegger, aquelas quarenta e poucas páginas intituladas “Notas sobre a ‘Psicologia das visões de mundo’ de Karl Jaspers (1919/1921)” poderá perceber que foi a leitura da obra de Jaspers de 1919 que levou o professor assistente de Freiburg a começar a citar, direta ou indiretamente, Kierkegaard em seus cursos. Especialmente *O conceito de angústia* e *A doença para a morte*, inclusive da 2ª parte desta (sobre o pecado)! Este período de apropriação avança pelos anos 20, ainda em Freiburg e depois em Marburg, até a eclosão de *Ser e Tempo*, em 1927. Embora Kierkegaard seja citado nessa obra apenas em três notas de pé de página (de resto muito significativas!), já seus primeiros leitores perceberam que havia tanto da filosofia da existência, em todo o livro, que Heidegger tratou de, nos anos seguintes, distanciar-se, ou melhor, demarcar-se em relação a Kierkegaard. – Nada contra esse procedimento, pois cada um explora o problema que quiser. Lamentável é apenas que o afastamento explícito do dinamarquês tenha coincido, nesse período, com uma forte aproximação ao “Movimento” (o nazismo), e que o cristianismo de Kierkegaard tenha dado lugar à adoração do *Führer* (a quem, dizem, o antigo camponês da Floresta Negra, filho do sacristão e tanoeiro, acreditava poder orientar: “*den Führer führen*”).

Nosso pensador, Adorno, ao redigir em 1929 sua tese de Habilitação à Livre-Docência, coloca, bem no centro do *Kierkegaardbuch*, justo no capítulo 4, que está dedicado ao “Conceito do Existir”, críticas contundentes ao livro recém-publicado daquele outro discípulo de Husserl, mostrando, inclusive, magistralmente, que em Kierkegaard não se trata de nenhuma busca ontológica do sentido do ser, mas antes de uma busca daquelas ideias que poderiam dar um sentido, na existência real, concreta, ao nosso ser histórico. Muito embora, ao contrário do que escreve Heidegger, não seja verdade que Kierkegaard ignora o *Existential*, nosso candidato a professor de Frankfurt está na mesma linha do professor de Psicologia de Heidelberg, ao recusar o menosprezo do professor extranumerário de Marburg pelo *Existentiell*, ou seja, pela dimensão histórico-concreta da existência humana, pois é nessa dimensão que ocorrem as decisões e as resoluções dos indivíduos realmente existentes.

Ora, como pretendemos, neste estudo, chamar a atenção para os dois Anexos do livro de Adorno, tentemos resumir ao menos o intuito central da tese *Kierkegaard, Construção do Estético*, de janeiro de 1933. Digamos que o autor procura resgatar a dignidade da “dimensão estética”, que supostamente estaria recalcada pela “religiosidade de puro espírito” e de “negação do mundo” daquele dinamarquês. Podemos, por agora, deixar no ar ao menos a suspeita de que as coisas não sejam bem assim, uma vez que “espiritualismo desencarnado” não combina de modo algum com uma “dialética da existência”, que valoriza os lados do temporal, do corporal, do necessário, inclusive porque, no livro de 1849, o pseudônimo Anticlimacus considera “desespero” procurar de modo unilateral um eterno abstrato, um espírito sem corpo, ou uma possibilidade fantástica. – Mas a prova dessas suspeitas ou, como diria o próprio Kierkegaard: de nossa “pequena dúvida asmática”, não cabe nas dimensões desta conversa (já que mal coube num seminário de um semestre que tivemos recentemente na Unisinos).

Podemos refletir aqui um pouco sobre a importância das duas datas referentes aos dois Anexos, para situá-los um pouco em seus contextos históricos. A palestra sobre *A doutrina kierkegaardiana do amor*, centrada sobre As obras do amor, de 1847, então traduzida como *Leben und Walten der Liebe (Vida e reino do amor* – título que evita com escrúpulo mais que luterano a menção às “obras”, explícita no dinamarquês cultor da epístola de Tiago), deve ser datada, com mais exatidão, como “*uma conferência... proferida em inglês, no dia 23 de fevereiro de 1940, ante um círculo de teólogos e filósofos fundado por Paul Tillich em*

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
 VALLS, Álvaro

*Nova York*⁷. Ou seja, nosso jovem pensador, meio judeu, cassado da universidade e tendo estudado uns tempos na Inglaterra (na espera para ver se os nazistas não seriam afastados logo), e afinal exilado nos Estados Unidos, apresenta em inglês uma conferência para um círculo de teólogos e filósofos amigos de Paul Tillich, igualmente exilado. A guerra estourara há meses, envolvendo, em ambos os lados do conflito, quase todas as nações europeias, supostamente cristãs. Que resta, então, do amor cristão?

Comparemos agora com a datação do segundo Anexo: Já a conferência do sesquicentenário é de 1963, portanto, quase uma década após o final da guerra, com a derrota da Alemanha nazista, e o Professor Adorno colabora então com o Reitor de Frankfurt, seu velho companheiro Max Horkheimer, no reerguimento da cultura de sua pátria. Só que, após duas guerras, Kierkegaard se havia transformado quase num “espírito do tempo”, um *Zeitgeist*: todos agora se preocupam com “a existência”, e os amigos de Heidegger⁸ buscam supostamente uma “existência autêntica”, e criam ao redor do mestre idolatrado uma igrejinha dos “autênticos”, sendo, porém, açoiados por Adorno em *Jargon der Eigentlichkeit* (escrito entre 1962 e 64). – Aquele “indivíduo” dinamarquês agora faz grande sucesso: ou seja: para chegar a este ponto, só pode ter sido traído!⁹

Mas voltemos à conferência do 23 de fevereiro de 1940, em Nova York. Já tive em outras ocasiões oportunidade de falar dela, de resumi-la e tenho até artigo publicado, já em 1993, na revista Síntese Nova Fase¹⁰. Não devo repetir aqui, em autoplágio, o que escrevi há quase 30 anos. Nem quero repetir o que falei mais recentemente numa aula para a Universidade Estadual do Maranhão, num texto que será publicado por lá. No meu texto de 1993, eu ainda situava a palestra no grupo de Tillich de modo vago, “no final da década de 30, ou seja, na metade da vida de Adorno”. Eu a resumia, acentuando algumas das mais certeiras observações do autor, para então me distanciar um tanto de algumas de suas afirmações mais negativas, tipo: “Não há mais o próximo”. Agora, contudo, eu gostaria de tentar algo um pouco diferente, situando a palestra sobre *a vida e o reino do amor* (de Kierkegaard), num contexto cronológico. Se tomarmos a bela tradução do volume da *Correspondência de Adorno com Benjamin (1928-1940)*, da UNESP, por ex., podemos acompanhar os endereços de Adorno

⁷ A referência completa, à p. 369 de nossa tradução para a UNESP, em Nota do Autor, que traz a data de janeiro de 1966, reza assim: “Em conformidade com sua temática, o livro não se ocupou dos assim chamados discursos religiosos de Kierkegaard, daqueles escritos teológicos-positivos que acompanham os filosóficos-negativos – a negação da filosofia. De qualquer modo, o propósito era o da interpretação da obra como um todo; ali, tão pouco como em Kierkegaard, estética não se chama meramente teoria da arte e sim, falando de maneira hegeliana, uma posição do pensamento frente à objetividade. O autor se sentiu por isso na obrigação de, ao menos num modelo, trazer para dentro do âmbito de sua especulação também os discursos religiosos. Isso aconteceu na conferência sobre ‘Vida e reino do amor’, que ele proferiu em inglês, no dia 23 de fevereiro de 1940 ante um círculo de teólogos e filósofos fundado por Paul Tillich em Nova York, e que após seu retorno ele publicou em alemão na *Zeitschrift für Religions- und Geistesgeschichte*. A conferência foi acrescentada ao livro, como um corolário.”

⁸ Após a guerra Heidegger é um professor-licenciado de suas aulas, pelo comitê de desnazificação – graças inclusive, em parte, a um parecer de Jaspers, solicitado pelo próprio suspeito de “colaboração”.

⁹ Na Nota de 1966, Adorno justifica assim este discurso comemorativo, anexado ao livro: “Foi proferido num evento da Faculdade de Filosofia da Universidade de Frankfurt (Johann Wolfgang Goethe-Universität), impresso, no mesmo ano, em *Neuen Deutschen Heften*. Também este completa tematicamente o livro, à medida que se concentra sobre aspectos que em *Konstruktion des Ästhetischen* só haviam sido tocados de leve: as últimas publicações de Kierkegaard, sua polêmica contra o cristianismo oficial e suas implicações políticas. Depois do triunfo histórico do escritor Kierkegaard, a justiça exigia desenvolver também a problemática daquele triunfo tanto quanto salientar os seus traços não-conformistas. Isso só foi possível a partir de uma distância maior do que a dos escritos anteriores. Essa poderia quiçá também testemunhar a respeito das modificações históricas que sofreu o conteúdo da filosofia kierkegaardiana.” (p. 370)

¹⁰ Revista Síntese Nova Fase, v.20, N. 63 (1993): 595-604.

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
 VALLS, Álvaro

nesse exato período. As cartas 95 e 97, dos dias 1º e 4.12.1937, respectivamente, são datadas de Londres. A Nota 688, à p. 347, especifica um pouco mais: que os Adorno partiram para Nova York em 16 de fevereiro de 1938, por via marítima. A carta seguinte de Adorno, de n. 99, de 7 de março de 1938, é de Nova York, da Universidade de Princeton, em meio ao corre-corre das primeiras semanas nos Estados Unidos da América. Adorno e esposa se encontram, portanto, nos Estados Unidos da América desde inícios de 1938, num país distante da guerra, que se preparara e entrementes explodiu. Eu gostaria de que nós lembrássemos os acontecimentos dessa época, contemporâneos de Adorno. O que está a acontecer na civilização ocidental? O clima é de puro ódio! Em 1938, a Alemanha, supostamente cristã, em parte luterana, em parte católica, consegue anexar aos seus territórios a católica Áustria, e nesse mesmo ano ocupa as regiões de língua alemã da Tchecoslováquia¹¹. A invasão da católica Polônia pelas tropas alemãs, em 1º de setembro de 1939, foi a terceira anexação¹². Desde meados de 1939, ocorriam assassinatos em massa nas regiões de conflito. Em 8.11.39, fracassa o atentado contra Hitler, da cervejaria *Bürgerbräukeller*, de Munique. Em dezembro de 1939 já se contavam em dezenas de milhares os soldados russos mortos na Finlândia. A ordem de Hitler para invadir a Noruega e a Dinamarca foi assinada em 1º de março de 1940, uma semana após a palestra de Adorno para o grupo de Tillich. A invasão da Holanda dá-se em 10 de maio de 1940, a do norte da França, que chega até Paris, ocorrerá em meados de 1940. Portanto, essa palestra situa-se em cheio no período do alastramento da guerra. Em julho, a produção alemã de armamentos havia duplicado, mas desde 17.3.1940 já há um novo “Ministério do Reich para Munições”, a produção de armamentos dispara. Em 28.5.1940, o rei da Bélgica se rende, um dia após a famosa retirada de 300 mil soldados ingleses de Dunquerque. Os ingleses consideram os franceses incompetentes, esses os consideram não-confiáveis.

Entretanto, Adorno encontra-se nos Estados Unidos, e o ataque japonês a Pearl Harbor, que obrigará os americanos a declarar a guerra, só ocorrerá quase dois anos depois, em 7 de dezembro de 1941. Ainda vai demorar mais de um ano, a contar da palestra de Adorno, até que os Estados Unidos comecem a ajudar de fato os Aliados contra o Eixo (Roma-Berlim-Tóquio). Não há nenhuma relação direta entre esta palestra e os atos de guerra, mas a deflagração do conflito, e as notícias que chegam, mas que só interessam aos atingidos, direta ou indiretamente, lá longe, na Europa, ajudam a entender o ceticismo de Adorno a respeito da doutrina kierkegaardiana do amor. De um amor cristão, que oficialmente deveria vigorar para os países europeus do conflito. Um mandamento do amor, que ninguém, praticamente, respeita. Não esqueçamos que a Itália e a Alemanha eram considerados “nações cristãs”, não menos do que a britânica e a francesa. E podemos imaginar a selvageria dos conflitos entre os alemães e os russos, tanto na ida, rumo a Moscou, quanto na volta, rumo a Berlim. Nem esqueçamos que muitos ingleses e franceses por muito tempo esperaram ansiosamente, na torcida, que alemães e russos se destruíssem completamente, para manter a civilização cristã. Notem, finalmente, que até aqui nem falamos daquilo que os compatriotas de Lutero estavam fazendo com os judeus, na Áustria, na França e principalmente na Polônia (três países de tradição predominantemente católica). Este é o contexto de fundo onde podemos situar a frase de Adorno “*Não há mais o próximo*”.

¹¹ Cf. EVANS, Richard J. *O Terceiro Reich em Guerra*, São Paulo: Planeta, 2014, p. 31: “Esse foi, na verdade, o primeiro passo para a realização de um programa nazista há muito cultivado: estabelecer um novo ‘espaço vital’ (*Lebensraum*) para os alemães na Europa centro-oriental e oriental, onde os habitantes eslavos seriam reduzidos à condição de trabalhadores escravos e provedores de alimento para seus senhores alemães.”

¹² Cf. EVANS 2014, p. 32s: Hitler queria despovoar a Polônia e colonizá-la com alemães. Disse ele a Goebbels que os poloneses eram “mais animais do que homens, totalmente obtusos e amorfos [...] A sujeira dos poloneses é inimaginável.” A Polônia tinha de ser subjugada de modo completamente implacável. – Em setembro de 1939, as tropas já estão incendiando aldeias inteiras da Polônia.

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
VALLS, Álvaro

Já o nosso dinamarquês escrevera, em 1855, a conclusão, tão simples quanto avassaladora: “O cristianismo simplesmente não existe.” – Ou seja, a ironia do mundo permitiu que o nome de civilização cristã continuasse a adornar a face da Europa quando tudo já era oco, vazio: o sentido (de humanidade) se perdera, e não simplesmente o sentido ontológico do Ser (escrito de qualquer maneira que fosse), porém um sentido honesto para essa nossa existência. Não há mais o próximo, diz Adorno, porque este conceito teria sido forjado para uma civilização de pastores e agricultores, tendo Kierkegaard adaptado aquele “mandamento/alegre-notícia” para a universalização da sociedade burguesa do trabalho mais e mais abstrato e do desaparecimento do indivíduo.

Interessante aí, como já o mostrei alhures, que Adorno, inclusive no seguimento de Horkheimer, dá um valor especial para o que ele chama de “amor aos mortos”. Se Kierkegaard considera uma obra de amor lembrar uma pessoa falecida, os frankfurtianos interpretam que no capitalismo não há mais lugar para o amor entre os vivos, regidos todos pela lógica do capital e do mercado. Amor gratuito, só a lembrança dos mortos... Ora, esquecem que o autor dinamarquês conclui, entre outras afirmações, dizendo que o amor aos mortos nos deveria ensinar como amar os vivos. Kierkegaard não resignou, não perdeu a esperança, embora não possamos jogar pedra no telhado daqueles alemães exilados em tempos de extremismos.

Com a derrota das ditaduras nazifascistas, parece que os frankfurtianos recuperam bastante da sua esperança. Para muitos judeus, como muitos dos amigos de Benjamin, o surgimento, em 1948, do estado de Israel, trouxe novo oxigênio. De qualquer modo, Adorno e seus companheiros nunca foram sionistas, menos ainda do que Hannah Arendt. Mas retornaram à pátria europeia, com exceção de Marcuse, que se tornará mais adiante o guru das minorias femininas e negras (foi ele o Orientador de Ângela Davis). Trabalham na reconstrução da Universidade de Frankfurt, e do Instituto de Pesquisa Social. No começo dos anos 50, Adorno publica *Minima Moralia*. A nova esquerda se recupera, os frankfurtianos orientam a nova mentalidade crítica do centro da Europa. Lembremos que Jaspers, no Parecer sobre Heidegger, argumentara que a juventude germânica havia perdido sua força crítica, e não conseguiria ficar imune ao estilo ditatorial e monológico de Heidegger. No início dos anos 60, a crítica se revigora (ainda que Adorno escreva, em referência ao Chê, que o que não deu certo nas selvas da Bolívia não daria bons resultados na Alemanha).

Vejo neste contexto a recuperação do potencial crítico do pensamento de Kierkegaard, e a utilização dos textos de sua polêmica final, desde *Prática do Cristianismo* e *Julgai vós mesmos*, mas principalmente da polêmica do jornal *O instante*. Adorno precisa, de certo modo, livrar o dinamarquês daqueles esforços editoriais que o transformaram num sucesso e num fenômeno de moda, num *Zeitgeist*. Kierkegaard, segundo seus próprios critérios, não quer e não pode triunfar, tal como o cristianismo não pode triunfar num mundo corrompido. Somente contra este, o que já não seria triunfar. Mas o fato é que o escritor Kierkegaard agora triunfava na Alemanha, graças, também, aos esforços editoriais do pastor nacionalista, direitista (*Grund und Boden*) Emanuel Hirsch, que o teria “arrendado totalmente”. Então, se ele triunfou, é porque foi traído. E Adorno trata de mostrar como nosso dinamarquês era e foi um não-conformista, que denunciou todas as indignidades cometidas em nome da religião.

* * * * *

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
 VALLS, Álvaro

Não quero, não devo e não preciso resumir a conferência de 1963, do sesquicentenário do nascimento de Kierkegaard, neste momento. Já a traduzi, há mais de 10 anos. (Aliás, também o *Dialética negativa*, dos anos 60, hoje já se encontra em bom português, como igualmente a *Teoria estética*.) – Adorno hoje pode ser lido, e muito lido. (Não, é claro, para virar sucesso, mas certamente para ajudar a resistir!) Basta concluirmos então com a observação final da conferência *Outra vez, Kierkegaard*: tal como o crítico e satírico Karl Kraus, Kierkegaard teria mostrado, na prática, com seus escritos e com sua vida, o poder das ideias, aparentemente impotentes.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Primeiros escritos filosóficos**. Tradução Verlaine Freitas. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

ADORNO, Theodor. **Kierkegaard. Construção do Estético**. Tradução Álvaro L. M. Valls. São Paulo: UNESP, 2010.

ADORNO, Theodor/BENJAMIN, Walter. **Correspondência 1928-1940**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich em Guerra**. São Paulo: Planeta, 2014.

HEIDEGGER, Martin. *Notas sobre a 'Psicologia das visões de mundo' de Karl Jaspers (1919/1921)*. In: **Marcas do Caminho**. Tradução Ênio P. Giachini e Ernildo Stein. Revisão Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Edição em alemão e português. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

HELLER, Agnes. *Das Zerschellen des Lebens an der Form: György Lukács und Irma Seidler*. In: **Die Seele und das Leben**. Studien zum frühen Lukács. Beiträge von Agnes Heller, Ferenc Fehér, György Márkus, Sándor Radnóti. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, pp. 54-98.

JASPERS, Karl. **Psychologie der Weltanschauungen**. 5e. Auflage. Berlin – Göttingen – Heidelberg: Springer Verlag, 1960.

KIERKEGAARD, Søren. **Gesammelte Werke 1-12**. Jena: Diederichs Verlag, 1909-1922.

KIERKEGAARD, Søren. **Leben und Walten der Liebe**. Einige christliche Erwägungen in Form von Reden. Übersetzt von Albert Dorner und Christoph Schrempf. Jena: Eugen Diederichs, 1924.

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3540
Adorno, leitor de Kierkegaard
VALLS, Álvaro

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**. Trad. Álvaro L. M. Valls. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. **O instante**. Tradução Álvaro L. M. Valls e Márcio Gimenes de Paula. São Paulo: Editora LiberArs, 2019.

LÖWENTHAL, Leo. Recollections of Adorno, *Telos* 61 (1984), 160-61. Apud R. Hullot-Kentor, no Prefácio (*Foreword*) da versão americana de ADORNO, Theodor. **Kierkegaard. Construction of the Aesthetic**, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989, p. XII.

LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas**. Ensaios. Introdução Judith Butler. Tradução Rainer Patriota. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

VALLS, Álvaro L. M. **Estudos de Estética e Filosofia da Arte: numa perspectiva adorniana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

VALLS, Álvaro L. M. **Kierkegaard não era um homem sério!** Sobre alguns alemães, sobre alguns discursos e sobre a mãe do filósofo. São Paulo: Editora LiberArs, 2019.